

O rural tradicional e moderno na representação do vaqueiro na mídia¹

Jussara Alves dos SANTOS²

Lucas da SILVA³

Lívia Moreira BARROSO⁴

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Rondon do Pará, PA

Resumo

O objetivo desse trabalho é compreender como a figura do vaqueiro é representada no ambiente midiático – neste artigo, focamos especificamente em introduzir a representação desse sujeito na literatura e na música. Como embasamento teórico, realizamos uma revisão bibliográfica sobre o rural brasileiro, localizado em alguns pontos o sertão enquanto território rural, e como o vaqueiro se encontra dentro desse meio. Também, recorreremos a alguns autores (as) para o entendimento do conceito de representação, que no nosso caso, há uma aproximação direta com a construção de imagens através das experiências vividas pelos sujeitos sociais coletivamente ou individual.

Palavras-chave: Mídia. Representação. Vaqueiro.

1 O mundo rural brasileiro e inserção da figura do vaqueiro

O vaqueiro, como destaca Tanya Brandão (2008), ele surge no meio rural, e é caracterizado como uma figura que é livre, mesmo no Brasil colonial e escravocrata. Num momento histórico posterior ao da colonização⁵, com a crise do mercado de carne no sertão – a produção de gado passou a se concentrar nos estados do Sul do país – o vaqueiro irá fazer parte dessa parcela da população que continuou a cuidar dos pequenos rebanhos – agora não somente de gado vacum, mais também de caprinos, ovinos e equinos – e ele

¹ Trabalho apresentado no IJ06 – Interfaces da Comunicação, XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduanda do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). E-mail: jussaraalves@unifesspa.edu.br

³ Graduando do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). E-mail: lucasguilherme@unifesspa.edu.br

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). E-mail: livia.barroso@unifesspa.edu.br

⁵ A figura do vaqueiro surgiu no sertão nordestino ainda no período colonial, em meados do século XVII como o sujeito que cuidava dos rebanhos de gado para o abastecimento alimentar dos trabalhadores das minas no sudeste.

também, além de vaqueiro, se tornou um pequeno agricultor, juntamente com sua família, e que sentiu os efeitos da “modernização” do trabalho no campo.

Nesse contexto de tecnicidades surgiram as políticas de incentivo à industrialização da agricultura e também do trabalho no campo - financiamentos bancários e os cursos técnicos para a capacitação de mão de obra. Wanderley (2000) afirma que é a partir daí que as grandes propriedades rurais no Brasil foram definitivamente apropriadas como uma representação urbana: tenham elas ou não um caráter produtivo, a propriedade da terra estava associada a “objetivos econômicos”, afastando qualquer elo residencial e afetivo com o ambiente rural, já que raramente o proprietário do latifúndio reside na terra. Para a autora (2000, p. 31), os efeitos também são percebidos em outras categorias sociais que habitam o campo, “entre os trabalhadores agrícolas e pequenos agricultores as formas precárias e insuficientes de acesso à terra afetam a consolidação de laços com o lugar de moradia e a dinamização da vida social local”. Para as fazendas que lidam especificamente com a pecuária, o elo do proprietário com a terra é também pequeno, já que, na sua grande maioria quem cuida do rebanho e também da terra, é sempre o vaqueiro e seus familiares.

Outro elemento importante para a compreensão do rural brasileiro passa pela própria definição do ambiente rural nacional. Aqui toda sede de município, independente do seu número de habitantes, é considerada cidade, e a zona rural está em tudo que está dentro dos limites do que seria não urbano, que são os lugares de paisagens naturais e de usos da terra para a produção agrícola local, criação de animais ou também os espaços improdutivos. Mas uma coisa é certa: os espaços rurais estão sempre afastados e diferenciados do urbano, como algo periférico e de dependência do que a cidade oferece – serviço de saúde, educação, comércio etc.

Quanto à população rural brasileira, ela hoje está caracterizada por pessoas que têm relação de parentesco – vínculo com unidade familiar agrícola e laços de vizinhança - e pelos assalariados que permanecem no campo. Apesar desse ser o principal tipo de população que reside nas áreas rurais no país, em nossos dias surge também um novo residente no campo: aquele que vem deixando os centros urbanos e migrando para o rural.

Isto acontece, sobretudo, lá onde o meio rural foi afetado pelos processos de descentralização econômica ou pode ser oferecido aos “urbanos” como um produto de consumo. Nestas áreas, com efeito, o meio rural é mais bem servido dos equipamentos coletivos necessários à vida moderna e dispõe de meios de comunicação e de transporte

eficientes, que o integram aos espaços regionais mais amplos, circunstâncias às quais geralmente se acrescentam a existência de condições naturais - um clima especialmente agradável ou uma paisagem particularmente bonita -, um patrimônio cultural de grande riqueza, ou, ainda, a possibilidade de combinar o lugar de trabalho - rural ou urbano - com o lugar de residência rural (WANDERLEY, 2000, p. 33).

Em um país onde mais da metade dos municípios tem menos de 20 mil habitantes, além da dependência do rural com relação ao urbano, há também um entrelaçamento das duas realidades. O contato entre os que povoam os dois espaços permite uma troca social e uma proximidade entre o rural e o urbano. Isso é possível de perceber por meio da introdução de elementos que sempre foram exclusividade do ambiente urbano, e hoje vem adentrando a vida dos que vivem no campo, por exemplo: a eletricidade, os meios de comunicação (televisão e internet), os produtos de consumo etc. Um exemplo da introdução desses elementos antes exclusivos do urbano está cada vez mais no uso da motocicleta pelos vaqueiros para “campear” o gado. Hoje é comum se encontrar pelas estradas das comunidades rurais vaqueiros “tocando” os animais “montados” em suas motos.

Outro momento importante para o rural brasileiro vem com a tentativa de modernização desse meio. Mas, com o insucesso do projeto modernizador do campo brasileiro nos anos de 1990, em que se tinha como base a necessidade imediata do país sair do atraso do desenvolvimento rural através do processo de transferência de tecnologia por meio da modernização das técnicas de manuseio e cultivo da terra. Para tanto, as implementações dessas mudanças no campo foram realizadas sem nenhuma troca de experiência com as populações tradicionais que habitavam o rural - era o moderno adentrando num espaço até então habitado e habituado com práticas que foram desenvolvidas no decorrer do tempo e transmitida oralmente de geração em geração. A prática da pecuária através da lida com o gado, sobretudo no sertão nordestino, é um dos lugares que a tentativa de modernização vem ocorrendo lentamente. Nesse espaço territorial, o moderno dialoga diariamente com o tradicional, a ver pelo trabalho desempenhado pelo vaqueiro que se mantém muitos traços do passado, mas que tem absorvido características da vida e do “trabalho” moderno – discussão que iremos sempre retomar nesse trabalho.

Com a utilização de tecnologias já consideradas arcaicas para o período, e com o pensamento de que o campo é homogêneo e a imposição das instituições financeiras, todo

esse conjunto de fatores conduziu o pequeno produtor rural familiar ao desamparo econômico, social e educacional. A política de injeção de tecnologias, principalmente com a inserção de máquinas agrícolas, não levou em consideração que o Brasil é um país de realidades rurais diversificadas e que necessitava/necessita de projetos direcionadas para cada região ou comunidade.

Neste contexto de modernização tecnológica, o Brasil saiu de um campo de instabilidade econômica para se tornar um dos maiores produtores de produtos agropecuários do mundo, sendo um país representativo dentro do agronegócio. Porém, o projeto modernizador do rural não passou da base tecnológica, não resultando na melhoria da qualidade de vida das populações rurais – estes continuaram socioeconomicamente em condições precárias. Ou seja, o fracasso da modernização do rural se explica pela ausência de políticas que pensassem nos residentes do campo, e não apenas na transformação e implementação de novas técnicas e tecnologias de trabalho e produção.

Em razão do insucesso da modernização do campo, os estudos sobre o rural na década de 1990 estiveram mais direcionados para os problemas sociais do meio rural, e deixaram de lado a vertente dicotômica entre urbano (moderno, novo) e rural (atraso, antigo), ou ainda o tratamento de rural como *continuum*. As pesquisas sobre o rural estavam voltadas para o “Novo Espaço Agrário Brasileiro”, que tinha como objetivo as novas atividades não-agrícolas, com a proposta de um “novo mundo rural” que ia além do agropecuários, ou seja, com os novos projetos de urbanização do rural.

É preciso ampliar essa velha noção de rural para além das atividades produtivas tradicionais tais como culturas e criação de animais e incluir no espaço agrário a produção de serviços (tais como lazer turismo, preservação do meio ambiente, etc) e de bens não-agrícolas, como por exemplo, moradia, artesanato, incluindo aí também as formas modernas de trabalho a domicílio, tão comuns nos países desenvolvidos (GRAZIANO SILVA, 1993, p.11).

Porém, a existência dentro do espaço rural brasileiro de diferentes realidades impossibilitou a implantação do “novo mundo rural” em todas as regiões. Esse novo modelo foi desenvolvido voltado para regiões que tinham uma infraestrutura mais elaborada, com um contingente de pessoas considerável, e com atrativos que possibilitassem o desenvolvimento econômico da região – locais propícios ao turismo, à produção de artesanato etc. Para as regiões que o “novo mundo rural” não alcançava – o sertão nordestino está aqui - , o projeto de desenvolvimento vinha a partir do

empoderamento rural com incentivo de participação em cooperativas, sindicatos, associações e outros agrupamentos coletivos. Uma abordagem crítica ao “novo mundo rural” aponta para uma modificação social e cultural no campo, através de uma tentativa de substituição das atividades tidas como tradicionais do rural – a troca do trabalho duro da roça e na lida com o gado pela prestação de serviço em outros espaços (hotéis fazenda, lojas de artesanato), por exemplo.

Com o entendimento de que há vários rurais, Wanderley (2000) defende a necessidade da elaboração de uma tipologia dos espaços rurais brasileiros. Partindo do pressuposto de que o meio rural não é homogêneo, a autora sugere a indicação dos principais “modelos” de espaços rurais que se baseiam nas relações sociais fundantes dos espaços geográficos não urbanos do país. Para ela, numa primeira hipótese esses espaços podem ser definidos por situações específicas “que correspondem a tipos e características de rurais”, que são seis:

- a) *O espaço rural como produto de consumo da população urbana.* Trata-se, neste caso, das situações nas quais pessoas de origem urbana se instalam no meio rural em busca de uma certa qualidade de vida [...].
- b) *A perda de vitalidade social nos espaços rurais onde predominam as grandes culturas.* Este é o caso, entre outros, das áreas de monocultura da cana-de-açúcar, nas quais a população mais numerosa era, historicamente, constituída pelos trabalhadores assalariados destas plantações. Apesar de viverem em situação de grande pobreza e precariedade, estes trabalhadores sempre foram o elemento dinamizador da vida social local [...] a expulsão em massa deste grande contingente de trabalhadores – a maioria transferido para as periferias das cidades – afetou profundamente o dinamismo da vida local nos espaços rurais [...].
- c) *A agricultura familiar que está no centro de uma atividade social intensa.* De um modo geral, as áreas onde a agricultura familiar é predominante correspondem às situações de maior intensidade da vida social local. Porém, este dinamismo depende, em grande medida, de um significativo contingente de “rurais”, dentre os quais merecem destaque: as perspectivas favoráveis da produção agrícola local e de suas atividades correlatas [...], que garantam um nível de renda à família; e a oferta de empregos não-agrícolas, no meio rural ou nas cidades próximas, de forma a gerar alternativas de ocupação para alguns membros da família e a favorecer a pluralidade de outros [...].
- d) *Os efeitos devastadores do êxodo rural sobre áreas de agricultura familiar.* [...] o abandono do rural é inevitável, com a conseqüente debilitação da vida social local [...]. Esta situação corresponde ao que se poderia chamar de “rural profundo” ou “rural remoto”, expressões que pretendem mais acentuar a precariedade das alternativas locais do que propriamente sua frequente localização geográfica em áreas mais distantes dos grandes centros urbanos.
- e) *A construção no espaço das áreas de fronteiras agrícolas: a vida social nas agrovilas.* [...] constituíram-se como um espaço residencial

mais concentrado do que os tradicionais agrupamentos, estabelecendo-se uma distinção entre o lugar de trabalho – os sítios dos colonos – e o lugar da morada – a própria agrovila – que também reunia localmente os serviços eventualmente postos à disposição dos “colonos” [...].

f) *Os assentamentos de reforma agrária: o retorno à vida rural.* Parte significativa dos beneficiários do programa de reforma agrária que vem sendo implantado no Brasil integra o contingente daqueles trabalhadores rurais ou pequenos agricultores que haviam sido, anteriormente expulsos do campo. [...] A eles corresponde uma “situação” de reconstrução das bases de uma vida social local, através da retomada da experiência da coletividade local [...] (WANDERLEY, 2000, p. 34-36).

A partir das seis situações propostas por Wanderley (2000), é perceptível que houve uma reconfiguração desse espaço ao longo do tempo, e que também o rural está em constante modificação, constituindo-se nos diversos espaços geográficos brasileiros de formas variadas. Sendo assim, as novas condições sociais e econômicas do país têm solicitado discussões atualizadas acerca da importância da zona rural, pensando o campo além da produção de alimentos, o que vai gerar novas ideias sobre a ruralidade.

Sendo assim, as seis categorias para classificar as realidades rurais brasileiras propostas por Wanderley (2000) é uma tentativa de nomear essa gama de contextos em que vivem os espaços não urbanos no nosso vasto território. Além de que, um determinado espaço rural não precisa necessariamente se enquadrar dentro de uma das categorias, ele pode ter características de mais de uma das categorias, assim como ter características particulares que não estão listadas pela autora.

Sendo assim, quando observamos o lugar que o vaqueiro se encontra dentro do espaço rural, principalmente, nessas seis categorias propostas por Wanderley (2000), ele pode estar em todas elas. O vaqueiro brasileiro, hoje, é um sujeito social em constante movimento dentro do mundo rural. Ele está nas grandes fazendas, mas também nas pequenas propriedades, nos assentamentos e agrovilas. Também já pode ter vivido na cidade, e retornou ao campo. Enfim, são inúmeras as possibilidades de pensar os espaços rurais ocupados por esta figura tão determinante na nossa construção histórica-social.

2 Tradição e modernidade: a representação do vaqueiro na mídia

A compreensão do conceito de representação passa por diversos lugares que estão imersos em uma complexidade que é própria dos seus usos para o entendimento dos muitos fenômenos que são analisados a partir dele. De acordo com Corrêa e Silveira (2014), falar sobre representação é abordar um conceito que está em diversas áreas do

conhecimento, desde os estudos da sociologia, antropologia, psicologia, história, linguística, semiótica, comunicação, entre outros. Sendo o conceito algo interdisciplinar.

Para Durkheim (2007), um dos pensadores clássicos que trabalham o conceito, é através das relações estabelecidas entre os sujeitos sociais que as representações acontecem. O autor destaca que, a representação pode acontecer tanto de forma coletiva, mas também individualmente, sendo as experiências dos indivíduos coletiva ou individual determinante para o processo de construção da “vida representativa” (SIMÕES, 2010, p. 2).

As representações podem ser entendidas como universos simbólicos que emergem a partir da experiência dos homens no mundo [...] É a experiência humana que funda as representações, ao mesmo tempo em que estas podem proporcionar novas experiências aos indivíduos, em um processo de configuração mútua. (SIMÕES, 2010, p. 5).

As representações estão intimamente ligadas a seus contextos históricos e sociais por um movimento de reflexividade – elas são produzidas no bojo de processos sociais, espelhando diferenças e movimentos da sociedade; por outro lado, enquanto sentidos construídos e cristalizados, elas dinamizam e condicionam determinadas práticas sociais. (FRANÇA, 2004, p. 19).

Partindo dessa perspectiva, em que as representações são narradas a partir das experiências dos sujeitos, iniciaremos uma análise das representações do vaqueiro em alguns espaços, como por exemplo, a mídia. Por ter o conceito de representação uma proximidade com a ideia de imagem, fazer uso deste conceito para compreender objetos de estudo comunicacionais é bem recorrente. Segundo Vera França (2004), as representações podem ser entendidas como equivalente a signos, imagens, sons, formas de conteúdos que são produzidos/desenvolvidos pelos indivíduos em sociedade.

Sendo assim, as primeiras representações em material impresso, em que faz referência a figura do vaqueiro está na literatura e nos registros históricos do período colonial, em que dá destaque para a imagem de um homem de corpo másculo, queimado do sol e de personalidade arredia. A caracterização dos habitantes do sertão em que o vaqueiro se inseria através dessas narrativas, durante muito tempo, mais precisamente, até meados do século XX, serviram para tentar homogeneizar tanto a própria região, como para dá um estereótipo para os moradores. “Em geral este sertão é identificado como um lugar inculto, longe do litoral e dos centros civilizados, marcado pelo rigor climático da

região, bem como pela pobreza e violência de seus habitantes”. (BRANDÃO, 2008, p. 122).

Sendo assim, essa visão de sertão é impressa nos registros históricos, e a noção de “sertões” com uma heterogeneidade de realidades e sujeitos só será proposta posteriormente. Para Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2006, p. 58), no seu trabalho “A invenção do Nordeste”, vai ser esta repetição da caracterização do sertão enquanto unidade, que é a representação que afirmou e se criou uma série de imaginários, muitas vezes não reais da região. “[...] Essas figuras, signos, temas que são destacados para preencher a imagem da região, impõe-se como verdades pela repetição”.

E é através da repetição de certas características do sertanejo, como destaca Albuquerque Jr, que representações sobre o vaqueiro vão sendo construídas e repetidas ao longo da história. Para Brandão (2008), por tem sido o processo de colonização dos “sertões de dentro” mais tardio que no restante da Colônia – somente a partir da segunda metade do século XVII – e também por ter acontecido de forma menos dependente das “ordens” da Coroa, o sertanejo sempre foi tido como um sujeito arredo, violento e livre, pois, as propriedades rurais (as fazendas) eram praticamente administradas pelo vaqueiro, e na maioria das vezes, os proprietários moravam nas cidades do litoral.

Na verdade, em geral as autoridades constituídas que atuaram nesta região sempre denunciaram a prepotência e a autonomia das forças políticas do sertão. Nos registros dos agentes do Estado, são constantes os reclamos sobre o comportamento hostil dos sertanejos frente às imposições da ordem de direito. (BRANDÃO, 2008, p. 124).

Porém, segundo Brandão, para se ir além da representação acima descrita para o sertanejo basta que os pesquisadores busquem os arquivos e outros registros que não sejam necessariamente os oficiais – relatos de viagens, textos jornalísticos, a literatura, entre outros, são algumas opções. No nosso caso, muito nos interessa os registros literários, musicais e as narrativas midiáticas.

No campo da literatura, Euclides da Cunha é um dos principais autores a trazer a temática do sertanejo em seus textos. Na sua principal obra, *Os sertões*, publicada em 1902, o autor ficou conhecido como o “descobridor” dos sertões e dos que habitavam aquela região, que ele chegou à conclusão de que “o sertanejo é antes de tudo um forte” (p. 115). Na obra clássica da literatura, Euclides da Cunha narra os acontecimentos da Guerra de Canudos (1896-1897) ocorrida no sertão da Bahia, e liderada pelo líder

religioso Antônio Conselheiro. *Os Sertões* é considerada uma obra que vai além da literatura em si (no sentido ficcional), pois, é sobretudo, um registro histórico, já que o autor foi convidado pelo jornal Estado de São Paulo para realizar a cobertura da guerra.

Na obra de Euclides da Cunha, o autor trata o sertanejo como sendo uma extensão do sertão, em dá ênfase no cuidado que se deve tomar quando se tenta analisar os habitantes dos sertões somente pelas suas aparências. Para ele, o sertanejo é uma figura dicotômica:

Reflete a preguiça invencível, atonia muscular perene, em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude.

[...] Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormidas. O homem transfigura-se. Empertigando-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; corrige-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento, habitual dos órgãos; e afigura vulgar do tabaréu canhestro, reponta inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias. (Os Sertões, p. 116).

Na descrição do sertanejo de Euclides da Cunha, o contraste é o que marca os habitantes do território identificado como sertão, o que é revelado a todo momento na obra do autor. Os sujeitos descritos em *Os Sertões* carregam em si um certo mistério, uma dualidade que caracteriza esse “personagem” que é ao mesmo tempo frágil, preguiçoso, inerte, mas que quando é provocado pelas intemperes da vida, se mostra forte, resiste, inquebrável.

Assim como as definições para os sertanejos em que Euclides da Cunha destaca em *Os Sertões*, o vaqueiro como sendo um desses sertanejos, também é descrito como uma figura dúbia. Em um momento ele se apresenta como um sujeito livre, sem amarras, como já mencionamos – essa definição está presente sobretudo na literatura e na linguagem popular, nas estórias, cantigas, aboios – em outro, ele é o sujeito que representa o poder local, sendo a base da estrutura social e de poder na região.

Sendo assim, no momento inicial, o vaqueiro é o herói, a figura que está no imaginário, que enfrenta a natureza espinhosa da caatinga, que vence o boi valente e indomável. Ou seja, o vaqueiro é um personagem importante no imaginário do sertão,

como podemos, por exemplo, observar na obra *Ataliba, o Vaqueiro* do escritor piauiense Francisco Gil Castelo Branco (1993):

Ataliba era moço, tinha figura atlética e a fisionomia cheia de franqueza. O seu trajar caprichoso indicava desde logo que ele era vaqueiro e enamorado. Com efeito, as suas perneiras, o seu guarda-peito, o seu gibão e o seu chapéu. Com trancelim e bordas de fios de couro, eram de finas peles de bezerro, lavradas com esmero por hábeis mão de mestre. Um maço de cordas de couro adunco, dobrado em vários círculos, passava-lhe do pescoço por sob o braço esquerdo: era a sua faixa de honra, era o famoso laço com que prendia a rês rebelde do curral ou necessitada de algum cuidado. [...] São natureza especiais as dos homens desses ermos longínquos; implacáveis no ódio, extremados no amor, fieis à gratidão, morrem onde se prendem. Não se dobram aos maneios dos interesses, mas estalam fendidos pelas paixões, que não se curvam ao sopro das ventanias. [...] Não recuam perante o perigo; (p. 44).

No vaqueiro representado nos escritos de Francisco Gil Castelo Branco, há uma associação direta entre a imagem física e psicológica do personagem. Ataliba é um vaqueiro másculo, com o corpo definido pela força gasta pelo trabalho braçal da labuta diária com o rebanho de gado – na imagem descrita pelo autor, o vaqueiro é um homem bem-apeado, e se trouxermos para as terminologias atuais, seria uma espécie de galã conquistador dos sertões, que está enamorado, ou seja, desperta o interesse amoroso de alguém. Além da questão física, o vaqueiro também é descrito como uma figura corajosa, que enfrenta os desafios da natureza, que não teme os desafios impostos, sendo representado como alguém que é jovem, resistente e ágil.

A representação do vaqueiro enquanto homem resiste, com uma beleza física atraente e como um conquistador, também está presente em diversas composições musicais do forró nordestino, sobretudo, o cantado nas festas de vaquejada⁶. Analisaremos, neste trabalho, a música da banda cearense Mastruz com Leite, *Meu vaqueiro, meu peão* (2004):

Já vem montado em seu alazão
Chapéu de couro, laço na mão
Seu belo charme me faz cantar

⁶ A vaquejada é uma prática cultural nordestina que se caracteriza por dois vaqueiros montados em cavalos têm que derrubar um boi puxando pelo rabo do animal dentro de uma faixa demarcada no chão. Um exemplo que caracteriza bem a prática da vaquejada é a música do cantor Mano Walter *Festa de Vaquejada* (2017): “[...] E o vaqueiro/Corre dentro da pista em seu cavalo alazão/ Quando chega na faixa derruba o boi no chão/ Assim é vaquejada, assim é meu sertão”.

No rosto um grande lutador
Que trabalha com calor
Com toda dedicação

Oh! Meu vaqueiro, meu peão
Conquistou meu coração
Na pista da paixão
E valeu o boi

Eu estou sempre onde ele está
Forró, vaquejada qualquer lugar
Eu vou seguindo o meu peão
Seus braços fortes, sua cor
Vaqueiro eu quero o teu calor
Em teus braços quero estar
[...] (MASTRUZ COM LEITE, 2004)

A música da banda Mastruz com Leite é cantada sempre por uma voz feminina e traz a representação do vaqueiro galanteador e conquistador, que atrai e envolve emocionalmente a mulher. Esse vaqueiro cantado na música é um sujeito livre, que anda sempre montado em seu cavalo, e que “flutua” livremente entre as vaquejadas e forrós da região. Ele é um homem livre e que a sua “amada” vai sempre aonde ele está – “Eu estou sempre aonde ele está”. Aqui percebemos claramente uma postura de supremacia do homem vaqueiro sobre a mulher – seja no espaço da lida com o gado, da prática da vaquejada⁷, tendo assim, lugares do sertão que são dominados pela figura masculina.

Outra discussão importante, está quando olhamos tanto para *Os Sertões* de Euclides da Cunha, *Ataliba, o Vaqueiro* de Francisco Gil Castelo Branco e a música *Meu vaqueiro, meu peão* da Mastruz com Leite, percebemos a presença da representação da figura de um vaqueiro que se repete, é um vaqueiro tradicional, que mantém seus trajes e hábitos. É um vaqueiro que não rompe com as tradições.

O vaqueiro enquanto uma figura representada dentro da música e da literatura é sempre ligada a um “modelo” que está fincado na tradição, ou seja, há um movimento de resistência em representar o vaqueiro enquanto um homem moderno, atual, do tempo presente. Por exemplo, na música do cantor alagoano, Mano Walter - hoje com mais de 3 milhões de seguidores na sua página no You Tube, e com vídeos de suas músicas com até 43 milhões de visualizações - na música *Não deixa não* (2018) (abaixo) é uma representação do vaqueiro na mídia em que a aversão do personagem “vaqueiro” à vida

⁷ Nos dias atuais já é possível perceber algumas mulheres praticando vaquejada. Mas, ainda é uma atividade dominada pela figura masculina.

moderna fica bem evidente. Os hábitos de consumo e as práticas, sobretudo da vida na cidade, é totalmente repudiada pelo vaqueiro retratado por Mano Walter. Além de que a ida para a cidade e sua adequação a esse “novo” espaço não acontece de forma voluntária, mas ele é “levado” pela sua companheira.

Ela me fez comprar um carro
Logo eu, que amava o meu cavalo
Ela me fez vender meu gado
Pra morar num condomínio fechado
Me deu um tênis de presente
Falou que a botina não combina mais com a gente
Mas que menina indecente
Aí não aguentei, falei o que o coração sente
Vá *pro* inferno com seu amor
Deixar de ser peão, de ouvir modão, meu violão
Não deixo, não
Não deixo, não
Largar o meu chapéu pra usar gel, meu Deus do céu
Não deixo, não
Não deixo, não
Deixar de ser vaqueiro, ouvir forró e ouvir modão
Não deixo, não
Não deixo, não
[...]
Não tem amor que vale isso, não
Ela me fez vender meu gado
Pra morar num condomínio fechado
Me deu um tênis de presente
Falou que a botina não combina mais com a gente
Mas que menina indecente
Aí não aguentei, falei o que o coração sente
Vá *pro* inferno com seu amor
[...] (MANO WALTER, 2018)

Outro elemento importante de percebermos na música acima, é verificar a afirmação do que a muito tempo foi defendido nos estudos sobre o rural, em que a cidade era o oposto ao campo, e que sempre houve uma resistência dos moradores dos dois ambientes quando iam viver no outro – algo que no campo científico de pesquisa sobre o mundo rural já foi superado, mas que aparentemente ainda está presente em outros espaços.

Sendo assim, podemos perceber que as representações da figura do vaqueiro abrem diversas possibilidades de análises com os mais variados campos e objetos para se olhar – literatura, história, música, jornais, revistas, televisão, rádio, entre outros. Dessa forma, neste trabalho em que olhamos apenas para alguns objetos, podemos chegar a alguns possíveis encaminhamentos para o desenvolvimento dessa pesquisa. O primeiro

deles, é que até o presente momento da escrita desse trabalho, e com os objetos que analisamos, o vaqueiro tem sido representado ligado a elementos tradicionais característicos do sertão nordestino e que condiz com uma série de elementos próprios do mundo rural – um rural tradicional e que tem aversão a entrada de elementos da modernidade, sobretudo a tecnológica.

E por fim, este trabalho carece de um maior aprofundamento através da análise de outros materiais para que possamos compreender de forma efetiva a figura do vaqueiro na mídia, algo que abordaremos em trabalhos futuros.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangada; São Paulo: Ed. Cortez, 2006. 3ª edição.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973.
- BRANDÃO, Tanya Maria Pires. O vaqueiro: símbolo da liberdade e mantenedor da ordem no sertão. In: MONTENEGRO, Antônio Torres *et all*. **História: cultura e sentido**. Cuiabá: Editora da UFMT, 2008.
- CASTELO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, o Vaqueiro**. Teresina: Ed. Ciência e Letras, 1993.
- CORREA, Laura Guimarães; SILVEIRA, Fabrício José N. Representação. In: FRANÇA, Vera Veiga; MARTINS, Bruno Guimarães; MENDES, André Melo (Org.). **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (Gris): Trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação**. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2014.
- CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2017.
- DURKHEIM, Émile. Representações individuais e coletivas. In: _____. **Sociologia e Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Ícone, 2007. p. 9-43.
- FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. (Org) **Comunicação, representação e práticas sociais**. v. 1. Rio de Janeiro: PUC Rio; Aparecida: Ideias & Letras, 2004. p. 13-26.
- GRAZIANO DA SILVA, José. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas: Unicamp, 1996.
- _____. Por um novo programa agrário. **Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA)**. n.2, v. 23, São Paulo, mai/ago de 1993, p. 05-16.
- MANO WALTER. **Não deixo não**. 2018. (Música)
- MASTRUZ COM LEITE. **Meu vaqueiro, meu peão**. 2004. (Música)

PIMENTEL, Sidney Valadares. **O chão é o limite: a festa de Peão de Boiadeiro e a domesticação do sertão**. Editora UFG. Goiás, 1997.

PRADO JR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1992, 39ª edição.

_____. **A questão agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1987, 4ª edição.

WANDERLEY, Maria de Nazaré Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o ‘rural’ como espaço singular e ator coletivo. In: **Estudos Sociedade e Agricultura**, nº 15, Pernambuco, 2000.

SIMÕES, Paula Guimarães. A centralidade da experiência na constituição das representações: contribuições interdisciplinares para o campo da comunicação. In: **E-Compós**. Brasília, 2010. v. 13, n. 1. Jan/Abr. p. 1-17.